

Abreu: "Choque, só para resolver".

A possibilidade de choque está afastada antes das eleições de novembro, porque isso poderia parecer uma decisão com motivações "eleitorais". E o governo não vai aplicar nenhum choque antes de reduzir o déficit, mas quando vier "a tomar uma medida dessas será para resolver o problema". Essas declarações foram feitas ontem à tarde pelo ministro do Planejamento,



Abreu, realista.

João Batista de Abreu, que pela primeira vez admitiu abertamente que o choque na economia é uma hipótese real para o governo.

O ministro falou à imprensa logo após o segundo encontro que manteve ontem com o presidente Sarney, no Palácio do Planalto. Desconversando, Abreu ainda tentou dizer que não sabe se o choque vai ser dado "por este governo". Mas observou que "não há economista neste país que acredite que se possa baixar a inflação com uma terapia convencional".

A constatação de que a inflação de setembro ficará mesmo acima de 23%, somada às declarações do presidente do IBGE, Charles Muller, de que "o sonho da inflação estabilizada em 20% acabou", deixaram Sarney irritado. Logo pela manhã, ainda no Palácio da Alvorada, o presidente leu a sinopse dos jornais, elaborada pela Radiobrás, onde se destacavam as previsões de Muller. A partir daí, o dia foi quase todo dedicado a reuniões com ministros e assessores, para debater a questão inflacionária. A primeira reação de Sarney foi entrar em contato com João Batista de Abreu. Já no Palácio do Planalto, o ministro do Planejamento teve muita dificuldade para defender o presidente do IBGE, que por pouco não foi demitido.

Na análise que fez com seus assessores, Sarney constatou que Muller não mentiu ao denunciar a inflação ascendente, "mas foi inábil na forma de fazer essa constatação". Para o presidente, "não é possível que na hora em que o governo busca o apoio de toda a sociedade para combater a inflação venha a público um membro do go-

verno para incentivar a especulação". A afirmação de Muller foi desmentida em nota oficial redigida pelo Ministério do Planejamento e distribuída ontem mesmo. O ministro João Batista de Abreu negociou a permanência de Charles Muller no IBGE e chegou a comentar: "Eu também já pisei na bola".

Alternativas

Na reunião da manhã, da qual participaram, além de Abreu, os ministros Ronaldo Costa Couto, da Casa Civil, e Ivan de Souza Mendes, do SNI, o governo chegou à conclusão de que não pode ficar de braços cruzados diante da escalada inflacionária. Entre as medidas que poderão ser adotadas, o governo pensa em rever sua política de tarifas dos serviços públicos, segurando os aumentos para diminuir o impacto no índice.

Outras alternativas discutidas na reunião foram a execução de uma política monetária mais apertada para reduzir a quantidade de dinheiro em circulação, a redução dos prazos de reconhecimento dos impostos e a deflagração de uma nova política de abastecimento, com formação de estoques e maior rigidez no controle dos gastos públicos. Mas não há tempo, segundo assessores ministeriais, de adotar nenhuma nova política de abastecimento para reduzir a inflação de outubro, que já está sendo captada pelo IBGE.

O ministro João Batista de Abreu, numa indicação clara de que o governo não conta com muita margem de manobra para combater a inflação por mecanismos convencionais, afirmou que o governo "não tem um novo programa para ser executado nesse momento".

"Vamos apenas seguir a mesma linha, só que com mais rigor", disse Abreu. O ministro considerou "temerário um choque sem o pré-requisito do corte do déficit público", mas sustentou que a atual política econômica vem dando resultados, porque, se não fossem as providências que foram tomadas, "a inflação estaria em 30%".